

## ***Zombar, de Zarvos: A liberdade pela palavra escrita***

*Prosa & Verso*, OGLOBO, 13/11/2004

No mundo contemporâneo a arte não pode mais ser pensada e entendida de acordo com os princípios estéticos e formais que guiaram a arte moderna, sendo permeada e se apropriando de discursos, técnicas e suportes “não-artísticos” como a genética, a filosofia, a política, o comportamento, a sexualidade. Nesse sentido, *Zombar*, sexto livro do poeta carioca Guilherme Zarvos, de certa forma inaugura um novo tipo de literatura entre nós, poetas: política no sentido mais preciso e puro da palavra, aberta ao diálogo—exigindo diálogo—; situada na confluência fértil e convulsa do ensaio, da intervenção, da sociologia, da poesia, do biográfico, da ficção, da política, da epístola, da ética.

Figura ativa, marcante e emblemática na vida artística, cultural e política da cidade (*dândi*, um dos fundadores do CEP 20.000, ex-candidato a deputado estadual, em 1986, quando Darcy Ribeiro foi candidato a governador), a *pólis* de Zarvos é o Rio de Janeiro, por sua vez cidade síntese e emblema do nosso país. Na narrativa que abre o livro, e que dá nome a ele, a elite desta nossa cidade, deste nosso país, dona dos canais de comunicação e do próprio *corpo* das pessoas—uma das imagens centrais dessa narrativa fabulosa (mas não fantasiosa, já que Zarvos conhece bem nossa elite, de dentro, tendo relativo livre acesso a ela) é a filmagem de uma propaganda para TV na qual figurantes mal remunerados pisam uns sobre os outros—é exposta e satirizada.

Permeada por pensamentos e análises sobre a história do Brasil, acontecimentos biográficos pessoais e coletivos (a queda do hotel na rua Buenos Aires, por exemplo), alusões ao mestre Darcy Ribeiro, encontros reais e fictícios com pessoas reais e fictícias, o texto de *Zombar* se torna mais explicitamente político—mais claro, contundente e engajado—nas cartas abertas para Arnaldo Jabor e Elio Gaspari, nessa última analisando, comentando, criticando, duvidando, desafiando, com citações e referências bibliográficas, a série de livros sobre os anos da ditadura recém-lançados pelo jornalista. O tom é sempre pessoal. Defendendo Jango: “Quem tem biografia raquítica sou eu e você. Não ele, podes crer”. *Zombar* é um livro corajoso.

Guilherme Zarvos é um poeta corajoso, sem medo de expor suas idéias, sua sexualidade, sua vida, sua perplexidade—e com elas produzir literatura de alta qualidade, instigante, resistente a definições fáceis e definitivas. Enquanto muitos tentam compreender a contemporaneidade através de estudos teóricos, e depois *aplicam*, às vezes dogmaticamente, suas conclusões às suas obras criativas, Zarvos faz parte daquele raro grupo de artistas que estão a frente de seu tempo, constantemente expandindo e desafiando o que até então parecia sólido e estabelecido.

Além da característica contextual e efêmera intrínseca aos textos mais alegóricos e politizados de *Zombar*—e a efemeridade é um dos elementos encontrados na arte contemporânea—os trechos mais facilmente definidos como ‘poesia’ ou ‘ficção’ (os excelentes “Resistência”, “Cartas de amor” e “Poemas soltos”), surpreendem por seu grau de lirismo e questionamento existencial, às vezes beirando o kitsch e a auto-ironia (“Foi decretada, ontem, a morte do poeta fulano de tal. Os presentes gritaram vivas quando foi decapitado. Seu último desejo, pediu de quatro:—Dar uma chupadinha no

peru do Claudinho.....”) e pelo acertado uso do confessional, como no poema “Amanhã vou ao fórum (jan 2003)” que termina em forma de redenção:

“Matei minha mãe e pai o país inteiro Depois da prisão me recuperei Já julguei e absolvi A liberdade me foida da palavra escrita”

Se em *Morrer*, o poeta foi comovente e lírico, em *Zombar* ele ressurgiu politizado, engajado, aguerrido—mas incapaz de perder a ternura, jamais—  
¡Viva Zapatoleta!